

Walking Mad: uma viagem entre o riso e o limiar do colapso

Texto de Madalena Xavier, maio 2025

Estreada em 2001 pela Nederlands Dans Theater, a obra coreográfica *Walking Mad* tem circulado amplamente por companhias de dança de todo o mundo, afirmando-se como uma das obras mais emblemáticas do coreógrafo sueco Johan Inger. Pela primeira vez, a Companhia Nacional de Bailado integra no seu repertório uma criação deste coreógrafo, apresentando ao público português uma peça de reconhecida relevância internacional.

Walking Mad desenvolve-se a partir da estrutura repetitiva e hipnótica de *Boléro*, composta por Maurice Ravel em 1928 — uma partitura que tem inspirado inúmeras interpretações coreográficas. Muitas delas destacam-se pela sua forte sensualidade e intensidade física, como é disso exemplo a icónica versão de Maurice Béjart, de 1961, em que um intérprete — que pode ser uma mulher ou um homem — dança sobre uma mesa rodeado por homens. Na sua proposta, Johan Inger subverte esta tendência ao deslocar o foco da sedução para um universo mais amplo das relações humanas. Transforma a abordagem ao *Boléro* num campo de desdobramento emocional em que, através da teatralidade, do humor e de uma tensão crescente, conduz as personagens a uma situação limite — uma certa desorganização interna que expõe fragilidades e desencadeia conflitos.

A criação de *Walking Mad* partiu de dois estímulos iniciais: o desafio de trabalhar a partitura musical e a ideia cénica de colocar uma parede de madeira em palco. Para além destes dois pontos de partida, há ainda uma imagem marcante para o desenvolvimento da criação: uma memória de infância de Johan Inger, de uma gravação televisiva, na qual observou o maestro Sergiu Celibidache a dirigir o *Boléro* de forma progressivamente teatral — começando com uma certa contenção e terminando num quase delírio. E foi esta imagem que o inspirou a

traduzir em movimento uma espiral de intensidade crescente, acompanhando o clímax musical, e conduzindo-nos por diferentes estados emocionais.

Nas palavras de Johan Inger, *Walking Mad* “não é uma história de amor sobre um casal específico, mas antes uma reflexão sobre a complexidade das relações humanas.”* Esta visão de Inger materializa-se numa estrutura coreográfica que percorre diferentes ambientes: começa com uma abordagem leve e cómica, marcada por um humor exagerado e movimentos de grupo dinâmicos; mergulha depois numa espiral de tensão e conflito; e culmina num momento de introspeção e fragilidade. E é neste último momento que, por contraste com o *Boléro*, o coreógrafo introduz a música *Für Alina*, de Arvo Pärt, cuja sonoridade contemplativa ressoa no vazio deixado pela agitação anterior.

No centro da construção dramática de *Walking Mad* está a parede móvel, simultaneamente elemento cénico e símbolo. Este dispositivo cria, bloqueia e redefine espaços em constante transformação, funcionando como motor coreográfico e dramático. Para Inger, a estrutura móvel é mais do que um cenário: “Procurei transformá-la no décimo elemento do elenco e, por assim dizer, coreografar a partir dela.”* Inspirado pela ideia dos limites como fonte de tensão e metáfora do desejo, usa a parede como representação de constrangimentos sociais e emocionais. Os bailarinos escalam, empurram, contornam ou embatem contra este obstáculo móvel, estabelecendo uma relação física intensa que revela o esforço de adaptação, resistência e negociação — refletindo, paralelamente, as complexas dinâmicas humanas de conflito, limitação e procura de libertação.

Do ponto de vista coreográfico, *Walking Mad* equilibra uma estrutura entre o individual e o coletivo, fazendo emergir tanto figuras com uma identidade própria, como movimentos de grupo que impulsionam o desenvolvimento da peça. O elenco é composto por nove bailarinos, três mulheres e seis homens, cujas presenças oscilam entre os gestos íntimos e contidos — como um olhar ou uma hesitação — e movimentos amplos executados pelo coletivo, que alternam entre o preciso e o descontrolado, o fluído e o abrupto. Há uma fisicalidade crua, por vezes deliberadamente desajeitada, que sublinha a imprevisibilidade emocional da peça.

Um homem, vindo do público, atravessa o palco como um observador-participante que espelha o olhar do espectador. No seu percurso, cruza-se com três mulheres que evocam simbolicamente *As Três Irmãs* de Anton Tchekhov. Embora estas não correspondam literalmente às

protagonistas da peça, partilham com elas uma carga emocional densa, representando arquétipos de desejo, frustração e bloqueio: uma procura validação constante, outra revela uma energia autodestrutiva, e a terceira permanece presa ao passado, incapaz de avançar. Através destas figuras, Johan Inger constrói uma reflexão sobre os mecanismos emocionais que moldam os vínculos humanos, em que o encontro entre homens e mulheres é atravessado por tensões, incomunicabilidade e vontade de superação. Os restantes bailarinos são forças em constante transformação, desencadeando encontros e ruturas.

Embora fisicamente exigente, a coreografia requer sobretudo rigor na intencionalidade de cada movimento. Yvan Dubreuil, ex-bailarino da Nederlands Dans Theater, acompanhou Inger no processo de criação de *Walking Mad* em 2001 e, atualmente, é responsável pelas reposições em diversas companhias. Da sua abordagem à remontagem coreográfica, destaca-se precisamente o trabalho dedicado ao rigor interpretativo, elemento que, a par da precisão da coreografia, constitui a essência da obra. Neste contexto, é também cuidadosamente trabalhada a manipulação do elemento central da peça — a parede. Parece ser essencial que os bailarinos não se limitem a empurrar ou escalar a parede de forma mecânica, mas que a explorem com o seu peso, resistência e presença. Para afinar a expressividade do movimento, recorre-se frequentemente a imagens evocativas e sugestões sensoriais, orientando a intenção de cada gesto, intensificando a ligação entre os bailarinos, o espaço e a música.

Ao longo dos anos, *Walking Mad* tem sido reinterpretada por diversas companhias internacionais, desde Les Ballets de Monte-Carlo ao Seoul Metropolitan Ballet, mantendo-se surpreendentemente fiel à sua versão original. “*Walking Mad* continua a ser dançada 24 anos depois da sua estreia, o que me leva a acreditar que ainda funciona.”* Esta longevidade e atualidade parece estar ligada a uma certa ressonância intemporal. Trata-se de uma obra coreográfica que explora os jogos de poder, o desejo e a ausência nas relações humanas — uma viagem entre o riso e o limiar do colapso, onde se revela que, apesar das vivências singulares de cada indivíduo, todos partilhamos certos aspetos fundamentais da condição humana.

Parte dessa força expressiva pode advir precisamente de uma sensibilidade cultural nórdica, que o coreógrafo caracteriza pelo equilíbrio entre leveza e melancolia, entre um humor absurdo e uma introspeção sóbria: “uma certa simplicidade e escuridão que evita complicações. A nossa arte é muito anti-barroca.”

Walking Mad permanece vibrante, refletindo-se no entusiasmo dos bailarinos e do público de várias companhias, confirmando a sua força e relevância a cada nova apresentação.

* Tradução livre da autora a partir de depoimentos gentilmente cedidos por Johan Inger, a quem agradeço a disponibilidade e generosidade.

Madalena Xavier

Professora Coordenadora da Escola Superior de Dança do Instituto Politécnico de Lisboa, Investigadora do Instituto de Etnomusicologia - centro de estudos em música e dança

